

# A calçada portuguesa é candidata a Património Imaterial Nacional

Rafael Tomaz Albuquerque

**A proposta é da Associação da Calçada Portuguesa e tem como intuito a promoção e valorização da calçada e dos calceteiros**

A calçada portuguesa “faz parte da identidade da cidade, da nossa cultura e da nossa relação com o mundo”, disse Fernando Medina, na cerimónia em que foi feito o anúncio oficial da candidatura da Arte e Saber-Fazer da Calçada Portuguesa ao inventário nacional do património cultural e que decorreu ontem na Câmara Municipal de Lisboa.

O autarca reforçou o apoio à Associação da Calçada Portuguesa, da qual a câmara faz parte, com o intuito de, tal como o fado, elevar a calçada portuguesa a Património Imaterial da Humanidade da UNESCO.

Em declarações ao PÚBLICO, António Prôa, secretário-geral da Associação da Calçada Portuguesa e um dos principais responsáveis pela candidatura a património imaterial nacional, diz que proposta apresentada à Direcção-Geral do Património Cultural conta com “mais de 500 documentos” que assentam numa pesquisa “histórica e etnográfica”.

A Associação da Calçada Portuguesa foi constituída em 2017 e integra a Associação Portuguesa dos Industriais de Mármore, Granitos e Ramos Afins, bem como a UCCLA, o Grupo Português da Associação Internacional para a Protecção da Propriedade Intelectual e a Universidade de Lisboa. Desde 2020, conta também com a presença da Câmara Municipal de Porto de Mós.

António Prôa explicou ao PÚBLICO que o principal desígnio da instituição é a “valorização, a promoção e a internacionalização da calçada portuguesa enquanto património cultural e factor de identidade de Lisboa e de Portugal”. Porém, reforça que “sem calceteiros, não há calçada”.

“Dedicámo-nos a interagir e conhecer os calceteiros que ainda existem. É uma profissão muito dura e mal remunerada”, sublinha. “Em 1927, na Câmara de Lisboa, havia 400 calceteiros. Em 2020 existiam 18. Os profissionais têm idade avançada e não há transmissão do conhecimento. Estes são factores que nos permitem concluir que há necessidade de salvaguarda urgente deste saber-fazer”, diz, preocupado.

Neste sentido, a proposta formalizada apresenta medidas concretas para fomentar a atractividade e apostar na formação e valorização desta

área profissional. Entre elas, António Prôa destaca a “criação de um centro de documentação e de um observatório da calçada portuguesa no mundo”, “a atracção de novos artistas para criarem, tendo a calçada portuguesa como tela, modernizando esta arte”, “a dinamização da escola de calceteiros da câmara”, “diferenciação das categorias profissionais”, “a criação de um referencial de formação do calceteiro artístico” e a “regulamentação e certificação da intervenção em calçada artística”.

Mas quem caminha sobre o rendimento de pedra vai pedindo a reforma da calçada e a substituição por pisos mais confortáveis. Equilíbrio instável, pedras levantadas pelas raízes ou onduladas pelo peso dos automóveis são motivos de queixa de alguns cidadãos. Algo que preocupa a autarquia e o secretário-geral da Associação da Calçada Portuguesa. “A calçada portuguesa só existirá enquanto for bem acolhida pelos cidadãos”, diz.

Contudo, António Prôa relaciona as críticas relativas ao desconforto do

pavimento com a falta de profissionais que apliquem bem o empedrado e façam uma boa manutenção da calçada. “Se, por exemplo, percorrer a Praça do Império, verá calçada que foi colocada em 1940 e que é tão confortável como qualquer outro pavimento – porque foi bem aplicada e tem sido bem mantida. Porém, a quantidade de calçada existente em Lisboa é imensa e há um problema na relação entre a grande extensão de calçada e o reduzido número de calceteiros.”

Além disso, subsiste o problema da aplicação de calçada em locais inadequados, como, por exemplo, ruas com grande inclinação.

Em resposta a estes problemas geradores de críticas, Prôa defende que deve haver formação de mais profissionais que possam responder às exigências da vasta área de calçada e um maior estudo e cuidado nas escolhas dos locais onde esta é aplicada. “Um dos projectos que estamos a desenvolver, em parceria com o Instituto Superior Técnico, é precisamente o estudo de soluções que contrariem a falta de conforto e segurança na calçada”.

A associação diz que ainda há muito a fazer e está confiante de que o pavimento típico português poderá chegar a Património Mundial da Humanidade.



O objectivo é fazer chegar a calçada à UNESCO